

FUNDAMENTOS BÍBLICOS DE MISSÕES URBANAS

Wendal Mark Johnson¹

RESUMO

Há acadêmicos que dizem que a Bíblia começa num jardim e termina numa cidade. Assim, este artigo procura delinear o tema da “cidade” nas Escrituras, focalizando principalmente o uso linguístico e teológico deste termo. O conceito teológico da cidade é estudado especificamente em três áreas: a cidade como fim teleológico da criação, a cidade no período pós-queda e a graça comum, a cidade como fim escatológico da história da redenção.

Palavras-chaves: Missões. Missões urbanas. Cidade.

ABSTRACT

Some scholars say that the Bible begins in a garden and concludes in a city. This article traces the theme of the city throughout Scriptures focusing on the linguistic and theological usage of the term. Specifically, the concept of the city is studied from perspective of God's original creation intent, as a Post-Fall common grace blessing, and the ultimate goal of redemption history. The article concludes by looking at the city as an interpretive lens by which the mission of God's people can be more fully

¹ O autor é doutor em Missiologia pelo Southern Baptist Theological Seminary (Louisville / EUA) e professor do Southeastern Baptist Theological Seminary (Wake Forest, North Carolina / EUA). E-mail: wendal.johnson@gmail.com

understood.

Keywords: Mission. Urban mission. City.

I. INTRODUÇÃO

“Ao resumir a história de Gênesis a Apocalipse, mais de um pastor urbano disse: ‘A Bíblia começa dentro de um jardim, e termina em uma cidade’”.² Esta afirmação de Roger Greenway serve como uma boa descrição da teologia bíblica da cidade. Outros, tais como Tim Keller e Ray Bakke, fizeram semelhantes afirmações sobre a centralidade da cidade como tema principal em uma teologia bíblica de missões. Falando de forma um pouco mais reservada, mas com a mesma convicção sobre a importância da cidade no contexto da teologia bíblica, Andrew Davey diz:

Não existe na Bíblia uma grande ‘narrativa urbana’ que conduz o leitor desde a cidade de Caim até a Nova Jerusalém, de forma semelhante a uma narrativa histórica do século vinte, que leva o leitor de Atenas a Chicago ou Los Angeles. Entretanto, o urbanismo mostra sua influência em todo o conteúdo das Escrituras, lançando uma sombra, puxando, desafiando, devorando, sempre solicitando uma resposta.³

Citações como estas de Greenway e Davey representam a opinião da maioria dos missiólogos urbanos. Para estes, a cidade é tema dominante nas Escrituras e serve como principal lente interpretativa para entender a missão bíblica do povo de Deus.

Este artigo determina a base bíblica de missões urbanas como uma subdisciplina missiológica distinta dentro do contexto mais amplo de missiologia acadêmica. O argumento deste autor é que a urgência e a legitimidade do movimento de missões urbanas baseia-se no ensino compreensivo do que a Bíblia diz sobre o propósito de Deus e seu plano para a cidade, em todos os tempos e todos os lugares. Esse artigo não pretende formular uma teologia urbana exaustiva. Ao contrário, tem o humilde propósito de examinar três questões-chave dentro das Escrituras: a cidade como o fim teleológico da criação, a cidade pós-queda e a graça comum, e a cidade como o fim escatológico da história da redenção. Cada tema teológico será abordado por meio da síntese do material bíblico pertinente. Antes de abordar estes temas teológicos, será de ajuda clarificar as definições dos termos usados nas Escrituras, a fim de chegarmos a uma definição bíblica correta do termo *cidade*.

² CONN, Harvie. *Disciplining the city*. Grand Rapids: Baker, 1992. p. 14.

³ DAVEY, Andrew. *Urban christianity and global order*. Peabody, MA: Hendrickson, 2002. p. 60.

2. TERMOS BÍBLICOS USADOS PARA DEFINIR ÁREAS URBANAS

Walter Kaiser observa o seguinte: “O termo utilizado mais frequentemente para descrever ‘cidade’ no Antigo Testamento (AT) é *ir*, que ocorre um total de 1.090 vezes”.⁴ Neste artigo, Kaiser continua a discussão sobre a definição bíblica de cidade, ao avisar sobre o perigo da “falácia da raiz”, na qual a compreensão moderna da palavra deriva-se exclusivamente de seu significado original. Entretanto, no caso do uso da palavra *ir* no hebraico, o significado da raiz é o que melhor descreve a natureza e o uso da palavra. *Ir* significa cidade.

A palavra *ir*, traduzida como cidade no AT, é frequentemente modificada pelo adjetivo *mibsar*, que significa fortificado. Por isso, Kaiser observa:

De acordo com o uso habitual, a cidade era um lugar murado, que oferecia proteção. As aldeias vizinhas eram designadas ‘filhas’ da cidade, e os campos e pastos se tornaram local de vagueio, fora da segurança da cidade.⁵

John Oswalt complementa as observações de Kaiser, ao fazer as seguintes observações sobre a palavra *mibsar*:

Em grande parte, o termo ‘cidade fortificada (ou cercada)’ é termo de designação, indicando os maiores e mais importantes centros habitacionais (II Rs 17.9). Tais cidades eram de grande importância estratégica, pois eram quase que inexpugnáveis até os assírios aperfeiçoarem suas táticas de cerco (Je 5.17). Esse fato teve bastante importância para a conquista israelita (Js 10.20, etc.).

Já que as cidades fortificadas eram tão resistentes, seria fácil para os israelitas porem sua fé na força de suas muralhas, e não em Deus. Por isso, os profetas se esforçaram para mostrar a tolice de tal confiança (Is 17.3; Lm 2.5; Hs 10.13-14, etc.). Somente Deus é a fortaleza do ser humano (Sl 27.1, *mā:ōz*).⁶

Cidades eram lugares de refúgio e proteção contra agressores. Além de servirem como lugares de abrigo e proteção, as cidades do Antigo Testamento também serviam de lugar de poder e devoção religiosa. As cidades do AT funcionavam como santuários, centros de devoção aos deuses. Muitas vezes, o governante principal (rei) cumpria o papel de emissário dos deuses na terra. Harvie Conn observa:

Deuses e humanos viviam em comunidade nas suas ruas. O cidadão que passava pelo portão aproximava-se ao ‘centro do

⁴ KAISER, Walter. A biblical theology of the city. In: *Urban missions* 7, n° 01, setembro de 2001, p. 6.

⁵ KAISER, 2001, p. 6.

⁶ HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. Theological wordbook of the Old Testament, In: *Logos library system*. Chicago: Moody Press, 1999. CD-Rom.

mundo'. Seus muros cercavam um pequeno cosmo, os quatro pontos cardeais se encontrando no seu centro, uma torre de santuário onde terra e céu, homem e deus, se uniam, ritualmente consumados.⁷

Por isso, a cidade do Antigo Testamento desempenha o papel duplo de proteção civil e consagração religiosa. O contraste entre cidade e vila, dependente do número de habitantes em cada realidade social, é praticamente inexistente no AT. “A cidade significava segurança e proteção contra inimigos, não era termo indicativo de tamanho ou densidade”.⁸ Tendo em mente essa interpretação do AT, será útil entender também o termo principal usado para descrever cidades no Novo Testamento (NT).

No Novo Testamento, existe uma distinção entre vila e cidade, *polis* e *komi*, que não é tão evidente no Antigo Testamento. Harvie Conn diz o seguinte em relação à palavra *komi*:

Parece que '*komi*' tem um sentido técnico, talvez se referindo a um lugar de habitação que não é murado, possivelmente devido à sua proximidade com a cidade (Lc 10.12). Belém recebe esta designação em João 7.42, assim como Betânia, próxima ao Monte das Oliveiras (Jo 11.1,30).⁹

É provável que este termo fosse usado para descrever a cultura de vilarejo/camponês que caracterizava o tempo de Jesus Cristo. Muitos atribuem a principal descrição da cultura na qual Jesus vivia, e os apóstolos ministravam, à palavra *komi*. A ideia de que a Bíblia é um livro rural, e deve ser entendida num contexto rural, é uma interpretação moderna das Escrituras, especialmente do NT, que tem se tornado bastante comum na época moderna. Esta crença popular baseia-se no trabalho feito pelo *Chicago School of Urban Anthropology* [Escola de Antropologia Urbana de Chicago], que tendia a descrever a vida camponesa em termos românticos e idílicos. Robert Redfield e Louis Wirth exemplificam esta linha de pensamento. O trabalho de Redfield descreve a vida no campo ou nos vilarejos como um lugar de estabilidade relacional idílica, enquanto as cidades são lugares que isolam e desumanizam as pessoas. Louis Wirth, em *Urbanism as a way of life* [Urbanismo como estilo de vida], representa o pensamento típico do *Chicago School*:

O superficialismo, o anonimato, o caráter transitório das regiões sociais urbanas, explicam a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas aos habitantes de cidades. Nossos relacionamentos com pessoas conhecidas tendem a ser

⁷ CONN, Harvie; ORTIZ, Manuel. *Urban ministry*. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2001. p. 84.

⁸ CONN; ORTIZ, 2001, p. 84.

⁹ CONN, Harvie. Lucan perspectives and the cities. In: *Missiology* 13, n° 4, Fall 1985. p. 409-28.

baseados em utilidade, no sentido de que cada pessoa envolvida em nossas vidas é percebida como um meio pelo qual podemos alcançar nossos alvos pessoais. De um lado, o indivíduo alcança certo grau de liberdade ou emancipação do controle pessoal ou emocional que é exercido por grupos íntimos. Por outro lado, ele perde a autoexpressão espontânea, a moral e o senso de participação, que vem de uma vida vivida em sociedade integrada. Isto constitui um vácuo social para o qual Durkheim alude, ao tentar explicar os vários tipos de desorganização social que existem na sociedade tecnológica.¹⁰

Existe uma verdade parcial na afirmação de Wirth, que será discutida adiante. Porém, a palavra grega *komi* e as conotações antropológicas derivadas desta palavra (que muitos projetam em todo o NT) não refletem completamente o mundo urbano no qual Jesus viveu no norte da Galileia, sem falar do mundo urbanizado dos apóstolos no Império Romano. Intérpretes bíblicos modernos não podem usar a palavra *komi*, interpretada com a lente do *Chicago School*, como filtro hermenêutico pelo qual todo o NT é interpretado. Flávio Josefo escreveu o seguinte parágrafo em relação à Galileia Romana no primeiro século, descrevendo a intensa urbanização desta área:

Estas duas Galileias, de tão grande tamanho, e incluindo grande contingente de estrangeiros, sempre conseguem oferecer forte resistência em ocasiões de guerra; (42) pois os galileus se habituaram com a guerra desde sua infância, e sempre foram muito numerosos. Além do mais, o país nunca faltou com homens de coragem em grandes quantidades; pois seu solo é fértil e rico, e cheio de plantações de árvores de todos os tipos, tanto que até os mais preguiçosos se motivam a se empenharem no cultivo da terra: (43) conseqüentemente, toda é terra é cultivada por seus habitantes, e nenhuma parte encontra-se ociosa. Ademais, as cidades desta região são numerosas; e as muitas vilas presentes aqui são tão cheias de pessoas por todo lado, que a menor delas possui mais de quinze mil habitantes.¹¹

Presumindo que o número usado por Josefo em relação ao tamanho das cidades da Galileia seja exagerado, sua descrição da região ainda indica que a Galileia era uma área intensamente urbanizada durante a vida de Cristo.

Evidências arqueológicas recentemente encontradas na cidade de Séforis oferecem mais provas sobre a urbanização presente no mundo de Jesus no primeiro século.

¹⁰ WIRTH, Louis. *Urbanism as a way of life*. Disponível em <http://www.bolender.com>. Acesso em 15/12/07.

¹¹ JOSEFO, Flávio. *The works of Josephus complete and unabridged*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1987. In: *Logos library system*, CD-Rom, p. 541.

Séforis, capital da região da Galileia, era localizada apenas a quatro milhas do lar de Jesus, na cidade de Nazaré. Carsten Thiede escreve:

A nova capital da Galileia, Séforis (Zippori), reconstruída após sua destruição no ano 4 a.C., ficava a apenas quatro milhas de distância. A cidade havia sido destruída brutalmente pelos romanos quando a região revoltou-se depois da morte de Herodes, o Grande. Com permissão imperial, Herodes Agripa começou a reconstruí-la como um modelo da cultura greco-romana, onde judeus praticantes e romanos ricos poderiam viver juntos pacificamente. Grego era a língua comum - de fato, Galileia tinha sido bilingue há muito tempo.¹²

Esta cidade era chamada a Joia da Galileia.

Os Evangelhos foram escritos em um mundo urbano. Por este motivo, o termo *polis* ocorre cento e sessenta vezes no Novo Testamento, com metade destas ocorrências localizadas no Evangelho de Lucas. H. Bietenhard observa o seguinte em relação ao termo *polis*: “Ele (*polis*) nunca significa estado, mas sempre cidade, se referindo a uma colônia cercada ou seus habitantes”.¹³ Este breve estudo oferece provas suficientes para indicar que a Bíblia não desconhece a realidade urbana de início ao fim. Ao contrário, a Bíblia mostra compreensão da realidade urbana. Para continuar a desenvolver esta ideia, o foco agora será a cidade como fim teleológico da criação.

3. A CIDADE COMO FIM TELEOLÓGICO DA CRIAÇÃO

Deus é construtor de cidades. Um bom empreiteiro sempre tem em vista o seu produto final. Teleologia é o estudo dos fins, ou propósitos finais de certas coisas. A construção da Nova Jerusalém é o fim escatológico da criação, demonstrado em Ezequiel 40-48 e Apocalipse 21-22. Mas este fim escatológico baseia-se no propósito teleológico que Deus embutiu no mandato de criação de Gênesis 1.26, que culmina na Nova Jerusalém.

Muitas vezes, teólogos se referem aos imperativos morais transculturais e transtemporais dos primeiros dois capítulos de Gênesis quando falam de mandato de criação. Estes são os “mandamentos dados ao homem em seu estado íntegro”.¹⁴ Um dos mandatos de criação dados a Adão e Eva é o de domínio sobre a criação (Gn 1.26-28). O mandato cultural é derivado deste mandato para exercer domínio sobre

¹² THIEDE, Carsten P. The cosmopolitan world of Jesus: New Findings From Archaeology. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2004. In: Logos library system, CD-Rom, p. 15.

¹³ BIETENHARD, H. In: BROWN, Colin (Edit.). Dictionary of New Testament theology. Grand Rapids: Zondervan, 1976. Vol. 2, p. 803.

¹⁴ MURRAY, John. Principles of conduct. Grand Rapids: Eerdmans, 1957. p. 27.

a criação. O mandato cultural é o desenvolvimento da criação de Deus por parte dos regentes terrestres de Deus, que reinam debaixo de Sua soberania divina. O mandato cultural é o produto visível, tangível, fruto da criação humana de Deus que cumpre e executa o mandato de Deus para exercer domínio sobre a criação. Morton Smith faz a seguinte observação, útil no estudo deste assunto:

Já observamos que o domínio não é a imagem, mas é a consequência do homem ser feito na imagem de Deus. O domínio é função do homem, não é qualidade que faz parte de sua natureza. É um comando específico que o ser humano recebeu, no término da criação. Isso tem sido chamado 'o mandato de criação'.

Ao homem foi dado domínio sobre toda a terra (Gn 1.26-27; Sl 8; 1 Co 15.24-28; Hb 2.5-8). Esse domínio foi a base lógica para o 'mandato de criação', para encher a terra e subjugar-la (Gn 1.28). Sendo que o homem é naturalmente equipado para subjugar a terra, ele tem buscado cumprir esta função, mesmo como pecador.¹⁵

Quando Gênesis 1.26 é cumprido de forma bíblica e fiel, o resultado é cultura. Cultura, parafraseando as palavras de Herman Dooyeweerd, é o desbloqueio do rico potencial latente da boa criação de Deus. Como avaliamos isso em termos concretos? Qual é o resultado concreto, físico, do ser humano ter exercido seu domínio sobre a criação? O resultado é a cidade. David Lim faz este comentário perspicaz: "A cidade é a chave para a visão bíblica do destino final do homem, e conseqüentemente, para o significado da história humana. A urbanização, então, parece ser consequência da obediência ao mandato cultural de Deus".¹⁶ Poucos teólogos do Antigo Testamento ofereceram melhores argumentos para o mandato de domínio em Gênesis 1.26 do que o argumento feito por Meredith Kline, em seu livro *Kingdom prologue* [Prólogo do Reino]. Kline diz:

O cumprimento da mordomia cultural do ser humano se iniciou com o homem servindo na capacidade de príncipe jardineiro no Éden. Mas o alvo da sua comissão no reino não é de ser um sistema de suporte de vida local. Ao contrário, o alvo é mestria global. O mandato cultural exige todas as forças da mente e dos músculos humanos para cumprir a tarefa desafiadora e gratificante que é transformar o paraíso original

¹⁵ SMITH, Morton. *Systematic theology: prolegomena, theology, anthropology, christology*. Greenville, SC: Greenville Presbyterian Theological Seminary Press, 1994. Vol. 1. In: *Logos library system*, CD-Rom, p. 241.

¹⁶ LIM, David. *The city in the Bible, evangelical review of theology*, vol. 12, 1988. In: *Logos library system*, CD-Rom, p. 141.

em uma cidade universal. Os cidadãos da cidade virão a existir através do processo de procriação. Sua forma física/arquitetural ganharia forma como produto do empenho cultural do homem. A dimensão governamental da cidade foi providenciada na estrutura de autoridade da comunidade, outro mandato da criação. A cidade-reino é o agregado e a síntese dos mandatos de criação que definiram a comissão cultural do ser humano. A cidade é a humanidade, em formato cultural.¹⁷

A cidade-reino é o fim teleológico da criação; é a humanidade em sua forma cultural. O mandato de criação foi dado por esse motivo. Se a cidade-reino universal é o alvo teleológico original para a criação da humanidade, qual tem sido o efeito da queda sobre a original intenção urbana de Deus? Tragicamente, os resultados têm sido dolorosos. Tendo dado atenção ao que a cidade deveria ter sido, agora nos concentraremos no que a cidade é de fato.

4. A CIDADE PÓS-QUEDA E A GRAÇA COMUM

A intenção original de Deus em relação à cidade foi distorcida como resultado da queda. Roger Greenway está certo em observar que:

Cidades pós-queda não são mais o que poderiam ter sido. Devido à queda, as cidades de hoje são centradas no ser humano, são violentas, repletas de atrito, ciúme e carnalidade. O pecado corre livre pelas ruas e mercados. Ele está entronizado nos lugares altos da vida civil. Cidades são caracterizadas por muitos pactos quebrados, especialmente o pacto quebrado com Deus.¹⁸

Não há dúvida de que as observações de Greenway são corretas. Tanto o testemunho bíblico quanto a observação prática confirmam a realidade do pecado e da rebelião nas cidades do mundo. O Antigo Testamento nota que a primeira cidade foi fundada por Caím numa tentativa de evitar o julgamento de Deus, consequência do assassinato de seu irmão Abel (Gn 4.17). Algum tempo depois, Ninrode fundou a cidade de Nínive. Esta cidade mais tarde mereceria o título indesejável de “cidade sangrenta” (Na 3.1). Depois de Ninrode, a torre de Babel foi construída com o propósito explícito de “fazer um nome para nós” (Gn 11.4). No fim das contas, a cidade de Babilônia se tornou símbolo definitivo da rebelião contra Deus. Nabucodonosor gabou-se da grande cidade que ele havia construído (Dn 4.30). O resultado de sua arrogância foi a punição

¹⁷ KLINE, Meredith. *Kingdom prologue*. Overland Park, KS: Two Age Press, 2000. p. 68.

¹⁸ GREENWAY, Roger; MONSMA, Timothy. *Cities: mission's new frontier*. Grand Rapids: Baker, 2000. p. 28.

de Deus. O julgamento de Deus contra a cidade de Babilônia chegou ao seu apogeu nas profecias de Isaías e Jeremias. Em Isaías, a pessoa do Rei da Babilônia se misturou com uma imagem cósmica do adversário angelical de Deus (Is 14.1-21), e se tornou símbolo da desobediência cósmica contra a autoridade divina. Já no Novo Testamento, o nome Babilônia foi usado para descrever a rebeldia de um novo superpoder urbano, Roma, que tinha os mesmos objetivos pecaminosos e subversivos, em oposição à vontade de Deus.

O efeito cumulativo das referências urbanas mencionadas acima é de convencer seus vários leitores de que a Bíblia trata do lugar da cidade na vontade de Deus de maneira uniformemente negativa. Este cinismo para com a cidade culmina em *The meaning of the city* [O significado da cidade], obra de Jacques Ellul. Ele diz que “é a alternativa que a humanidade escolhe quando se recusa a confiar no Senhor”.¹⁹ Em outro lugar, ele escreve: “a cidade moderna é a demonstração das maiores conquistas do homem, organizadas em rebelião contra Deus”.²⁰ A retórica de Ellul é afiada e crítica. Ele articula o que muitos evangélicos americanos, inclusive alguns batistas, têm crido há muito tempo: a cidade é má e irredimível. Eles acreditam que é melhor fugir da cidade do que serem inevitavelmente contaminados por ela. Acreditam que é melhor buscar intimidade com Deus, ou talvez até mesmo trabalhar na plantação de igrejas, em meio ao cenário seguro e estável do interior, longe do alcance pecaminoso da vida urbana. É por isso que o Salmo 23, com suas ricas imagens rurais, se tornou o padrão pelo qual muitos cristãos interpretam a verdadeira intimidade com Deus. Harvie Conn documenta as tendências antiurbanas dos evangélicos americanos em seu livro *The american city and the evangelical church* [A cidade americana e a igreja evangélica].

Mas as Escrituras ensinam que esta litania negativa da rebelião e depravação urbana seja a resposta final de Deus para a cidade pós-queda? A resposta é não. Mesmo que a Bíblia seja brutalmente honesta ao tratar da rebelião e depravação urbana, ela ainda apresenta a cidade como bênção positiva de Deus na vida de sua criação e em termos do louvor ao seu nome. As bênçãos da vida urbana em meio à depravação inegável existem devido à graça comum de Deus. John Murray define a graça comum da seguinte maneira:

Graça comum deve ser definida como todo tipo de favor, de qualquer tipo ou grau, exceto a salvação, que este mundo

¹⁹ ELLUL, Jacques. *The meaning of the city*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1993. p. 26.

²⁰ ELLUL, 1993, p. 37.

pecaminoso recebe imerecidamente da mão de Deus... Deus restringe o pecado e suas consequências. Deus restringe o trabalho da depravação humana e assim previne que afetos ímpios e princípios humanos se manifestem em todas as potencialidades que lhes são inerentes.²¹

A cidade das Escrituras é o meio pelo qual Deus ministra graça não salvífica e misericórdia para a humanidade em meio à rebelião humana.

Mesmo que Caim tenha construído sua cidade para se proteger do julgamento de Deus, Deus estabeleceu cidades de refúgio dentro da Terra Prometida, para refletir sua justiça e paz. Harvie Conn nota que

Caim havia construído sua cidade para se proteger contra vingança. Nas cidades de refúgio designadas por Deus, o propósito era o mesmo, mas de acordo com a justiça do empreiteiro divino. As cidades de refúgio eram símbolos de vida, não de morte, de proteção divina ao invés de autoproteção... A inclusão das cidades de refúgio dentro das quarenta e oito cidades designadas para o uso da tribo de Levi, espalhadas por toda a Terra Prometida, significava um papel ainda maior para as mesmas... Estas quarenta e oito cidades eram para servir de modelos para a nova sociedade urbana de Deus? Algumas dicas sugerem esta possibilidade... Diferente das cidades capturadas, compaixão, justiça e integridade seriam características do ensino que viria destas quarenta e oito cidades.²²

Don Benjamin, na sua dissertação doutoral *Deuteronomy and city life* [Deuterônômio e a vida na cidade] entende que Israel, após sua entrada na terra da Palestina, tornou-se essencialmente um contexto urbano. Israel tomou posse das cidades já existentes em Canaã, e baseou nelas a sua sociedade. Estas cidades eram parte (bastante tentadora) da herança do povo na Terra Prometida.

Se Israel herdou um estilo de vida urbano pré-estabelecido devido à sua conquista das cidades-estado da Palestina, não há dúvida de que no Antigo Testamento Jerusalém se torna a cidade *par excellence* de Israel. Jerusalém, a cidade de Deus, funciona como centro dos planos missionários de Deus para seu povo no Antigo Testamento. Sua influência centrípeta, atraindo as nações a si mesma e então para Deus, se torna o tema da teologia de missões do Antigo Testamento. Johannes Blauw comenta sobre o chamado missionário de Israel:

Embora enfatizemos a necessidade de Israel ser separada, nunca devemos atribuir esta separação a uma expressão do

²¹ MURRAY, 1957, vol. 2, p. 93-122.

²² CONN; ORTIZ, 2001, p. 89.

particularismo do Antigo Testamento. Ela deve ser vista como sua adesão ao *conditio sine qua non* para a manutenção da teocracia de Israel, precursor do senhorio de Deus sobre todo o mundo... Israel cumprirá um papel sacerdotal como um povo em meio a povos. Ela representa Deus em um mundo de nações. Israel tem a mesma função para com o mundo que os sacerdotes têm para com o povo.²³

Israel seria o povo missionário de Deus. Jerusalém seria o centro do esplendor missionário de Deus. O esplendor de Jerusalém seria tal que atrairia nações a si. As glórias de Jerusalém e sua atratividade são homenageadas nos Salmos-cidade, como Salmos 42, 48, 74 e 122. Harvie Conn observa que

A tarefa missiológica de Israel seria de engajar de forma única. Sob o domínio da força centrípeta da glória de Deus manifesta em Jerusalém, os povos do mundo fluiriam para a Cidade Santa, Is 2.2-4. ...Jerusalém seria a 'alegria de toda terra', Sl 48.2. ...Eventualmente, cidades gentias peregrinariam (Is 60.3) para participar no banquete messiânico de Jerusalém (Sl 25.66).²⁴

É evidente no AT que a cidade é bênção de graça comum que leva a encontros missionários. O entendimento de graça comum em relação à cidade continua no NT, quando a cidade se torna centro da força centrífuga da missão da igreja.

Comentários já foram feitos sobre o mundo urbano de Jesus. No NT, a cidade é retratada como o principal campo de batalha da guerra espiritual. Poderes e principados guerreiam contra o povo de Deus, como é enfatizado em Efésios e Colossenses. Em Apocalipse, a cidade de Roma se torna sinônima de rebelião contra os propósitos de Deus. Estas referências mostram que existe continuidade com o entendimento da cidade no AT como lugar de rebelião contra os propósitos de Deus. Porém, a cidade continua a ser um meio de oferecer graça comum, possibilitando a expansão do evangelho. A esta altura, é útil observar como a cidade funciona como foro principal da expansão missionária da igreja apostólica.

Os apóstolos tinham uma estratégia urbana específica? A resposta é sim e não. Roger Greenway escreve: "O movimento de missões do Novo Testamento era primeiramente um movimento urbano".²⁵ Isto é inegável. Roland Allen afirma com confiança típica:

Quando ele (Paulo) ocupou dois ou três centros, ele efetivamente ocupou a província toda. Todas as cidades ou vilas

²³ BLAUW, Johannes. *The missionary nature of the church*. Cambridge: Lutterworth Press, 1962. p. 24.

²⁴ CONN; ORTIZ, 2001, p. 91.

²⁵ GREENWAY; MONSMA, 2000, p. 36.

nas quais ele plantava igrejas eram centros da administração romana, da civilização grega, de influência judaica, ou de alguma importância comercial... Eram centros em que ele poderia começar novo trabalho com novo poder.²⁶

Tanto Greenway quanto Allen estão corretos na substância de suas alegações baseadas na evidência bíblica existente. Entretanto, é injustificável pensar que os apóstolos não evangelizavam em pequenas comunidades ou áreas rurais. Eckhard Schnabel diz o seguinte:

Não possuímos suficientes informações sobre os primeiros quinze anos do ministério de Paulo na Ásia, Síria e Cilícia para provar ou refutar tal estratégia durante os anos de 32/33 e 45 d.C. ...Passagens como Atos 3.48-49 mostram que o trabalho missionário de Paulo não se limitava somente às cidades, mas alcançava o território destas cidades, as pessoas vivendo nos vilarejos.²⁷

Não há razão para imaginar uma oposição inerente entre o evangelismo rural e urbano. Certamente, não há motivo para considerar um contexto missionário inerentemente superior ao outro. Ambos podem e devem trabalhar juntos, assim como Paulo e sua equipe modelaram em Atos 13.

A igreja primitiva tinha um compromisso inegável de fazer Cristo conhecido entre judeus e gentios. Isto, por sua vez, levou a uma estratégia onde missões ocorriam na forma mais simples possível, a fim de alcançar o maior número de judeus e gentios de forma eficaz. A maioria deste público-alvo se concentrava nas áreas urbanas. Eckhard Schnabel resume esta estratégia com as seguintes palavras:

A igreja cristã primitiva não precisava juntar informação altamente detalhada sobre outros povos e cidades, pois eles não planejavam ações militares complexas ou empreendimentos de alto risco que dependiam de vários fatores. A informação essencial para estes missionários lidava com centros populacionais e estradas de acesso.²⁸

As cidades em si possuíam, e ainda possuem, grande parte do objetivo missionário da igreja apostólica: são compostas por judeus e gentios. Em termos simples, as cidades possuem uma multidão de pessoas necessitadas do evangelho. Por este motivo as cidades eram - e devem permanecer - alvos de alta prioridade para a transmissão do evangelho. Mais uma vez, Eckhard Schnabel oferece um resumo bastante útil da

²⁶ ALLEN, Roland. *Missionary methods: St. Paul's or ours?* Grand Rapids: Eerdmans, 1962. p. 13.

²⁷ SCHNABEL, Eckhard. *Early christian mission*. Downer's Grove, IL: Intervarsity Press, 2004. Vol. 2, p. 1300.

²⁸ SCHNABEL, 2004, vol. 2, p. 471.

prática apostólica de missões:

A estratégia básica de Paulo era simples: ele queria proclamar a mensagem de Jesus Cristo para judeus e gentios, em obediência a uma comissão divina, particularmente nas áreas em que ela não havia sido previamente comunicada (Gl 2.7; Rm 15.14-21). O planejamento para a implementação deste alvo também era relativamente simples: ele viajava nas principais estradas romanas, e nas vias menores que levavam de cidade em cidade, proclamando a mensagem de Jesus, Messias e Salvador, reunindo novos convertidos em comunidades cristãs locais. ...O que Harvie Conn diz em sentido geral pode se aplicar a Paulo em particular: 'O livro de Atos trata quase inteiramente de cidades, o trabalho missionário é praticamente limitado a elas'.²⁹

É inegável que o foro urbano desempenhou um papel vital na expansão missionária da igreja apostólica. Porém, não é só uma questão de onde a igreja apostólica ministrou, mas também do que eles fizeram quando estavam presentes em determinada região. "Não é ingênuo confiar que o Espírito colocou nas Escrituras indicações importantes para nos guiarem na missão urbana".³⁰ Roger Greenway cita as seguintes melhores práticas da igreja primitiva na missão urbana do primeiro século: fazer discípulos, foco nas famílias, lares e sociedades transformados, igrejas e convertidos, o testemunho dos leigos, pregadores leigos, doutrina apostólica e a comunhão do Espírito Santo. Foram estas atividades, ocorrentes nas cidades do primeiro século por meio do poder do Espírito Santo, que levaram à notável expansão da igreja em todo o Império Romano.

5. A CIDADE COMO FIM ESCATOLÓGICO DA CRIAÇÃO

O mundo tem futuro, e é um futuro urbano na Nova Jerusalém. Esta não é apenas uma realidade espiritual simbólica e desencarnada. É o que está por vir, o cumprimento físico da intenção original de Deus na criação. G. R. Beasley-Murray escreve:

O principal motivo pelo interesse de João no novo céu e na nova terra é que este será o cenário para a Cidade de Deus. ...A Nova Jerusalém faz parte deste novo mundo, ou, em melhores palavras, a Cidade Santa é sua forma concreta. ...A cidade enche sua visão porque ela é o centro da existência dos redimidos, assim como o significado da cidade é que ela oferece um contexto no qual pode existir a santa comunhão entre Deus e sua criação.³¹

²⁹ SCHNABEL, 2004, vol. 2, p. 1299.

³⁰ GREENWAY; MONSMA, 2000, p. 12.

³¹ BEASLEY-MURRAY, G. R. *Revelation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974. p. 308.

Em Apocalipse 21-22, a Bíblia chega ao seu auge escatológico. Nesta consumação da história, o Novo Testamento reúne temas primeiro introduzidos em Gênesis 1-2, agora chegando ao seu cumprimento climático. Em Apocalipse 21-22, os mandatos de criação originais de Gênesis 1-2 são realizados de forma plena e completa. Como fica o mundo quando os mandatos de Deus estão sendo plenamente cumpridos? Quando os mandatos de Deus são cumpridos, se parece como uma cidade, como a Nova Jerusalém. A Nova Jerusalém é o equivalente escatológico ao Jardim do Éden. Gary Waldecker comenta a respeito deste fato:

Qual é o lugar da cidade na teologia bíblica? Por que o cenário do início da Bíblia é um jardim, mas no final é uma cidade? A tese deste artigo é que a Nova Jerusalém é a forma escatológica do Jardim. Deus nunca pretendeu que o Jardim do Éden permanecesse só um jardim. Elementos do Éden estão presentes na cidade de Apocalipse 20-21, mas ultrapassa a ideia de uma restauração do paraíso edênico. O homem deveria glorificar a Deus ao cultivar todo o potencial que Deus embutiu no seu jardim. A Cidade Santa é o resultado final do mandato de Deus em Gênesis 1.28 para dominar, encher e subjugar a terra... A cidade é o Jardim do Éden em sua forma escatológica. É o Éden restaurado e consumado. A cidade, com toda a sua organização, desenvolvimento e atividade criativa, é o esperado resultado final do mandato de domínio dado aos homens em Gênesis 1.28.³²

Na Nova Jerusalém, a fidelidade de Deus para com a sua criação chega à sua realização escatológica. Tim Keller ecoa os comentários de Waldecker (acima), ao observar que a fidelidade criacional e pactual é manifesta nos detalhes da Nova Jerusalém:

O futuro mundo e universo redimido de Deus é retratado como uma 'cidade'. Abraão buscou a cidade 'cujo empreiteiro e criador é Deus' (Hb 11.10). Apocalipse 21 descreve e retrata o ápice da criação de Deus como uma cidade! Sua redenção está nos construindo uma cidade, a Nova Jerusalém. De fato, quando olhamos a Nova Jerusalém descobrimos algo estranho. No meio da cidade existe um rio cristalino, e em cada lado do rio está a Árvore de Vida, dando fruto que sara as nações de todas as suas feridas e todas as consequências da maldição do pacto divino. Esta cidade é o Jardim do Éden, refeita. A cidade é a realização dos propósitos do Éden de Deus. Nós começamos num jardim, mas terminaremos numa cidade; o propósito de

³² WALDECKER, Gary. The city-eschatological garden, *Urban missions* 5, n° 4, março de 1988, p. 19-26.

Deus para a humanidade é um propósito urbano! Por quê? Porque a cidade é invenção e desenho de Deus, não apenas um fenômeno sociológico ou uma invenção da humanidade.³³

Qual será nossa conclusão acerca da teologia bíblica da cidade? Na criação, Deus teve intenção de construir uma cidade-reino. Desde a queda, o ministério urbano tem sido conduzido em uma cidade completamente desfigurada pelo pecado em todos os aspectos. Porém, a cidade continua a ser bênção para muitos, por meio da manifestação da graça comum de Deus, que é oferecida para todos. Missões em geral - e particularmente missões urbanas - são motivadas por uma visão escatológica da cidade do porvir: a Nova Jerusalém. Ao olharmos com expectativa para a vinda da Nova Jerusalém, achamos motivação para ministrar o Evangelho de forma fiel nas cidades para as quais somos chamados. As palavras de Gary Waldecker oferecem boa conclusão para este capítulo:

As cidades onde vivemos tendem a refletir a tentativa do homem para desenvolver uma criação que serve seus próprios fins, especialmente ao oferecer segurança e glória própria. Devido à estas motivações pecaminosas, nossas cidades tendem a serem lugares onde os problemas do ser humano são intensificados. Mas o fato das cidades modernas serem mais bem caracterizadas por contenda do que pela glória de Deus não é motivo suficiente para abandoná-las. Ao contrário, devemos proclamar o poder do Evangelho para transformar e fazer discípulos. Ao ser influenciadas pelo Evangelho, a Nova Jerusalém se enraizará nas cidades, transformando suas estruturas a fim de glorificarem a Deus.³⁴

Esta futura visão escatológica é o que motiva a igreja a engajar as cidades do presente com a esperança confiante de que os trabalhos urbanos do presente um dia serão consumados por meio da cidade escatológica, a Nova Jerusalém, que virá.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Roland. *Missionary methods: St. Paul's or ours?* Grand Rapids: Eerdmans, 1962.

BEASLEY-MURRAY, G. R. *Revelation*. Grand Rapids: Eerdmans, 1974.

³³ KELLER, Tim. *A biblical theology of the city*. Disponível em <http://www.e-n.org.uk/p-1869-A-biblical-theology-of-the-city.htm>. Acesso em 4/10/10.

³⁴ WALDECKER, 1988, p. 19-26.

BIETENHARD, H. In: BROWN, Colin (Edit.). **Dictionary of New Testament theology**. Grand Rapids: Zondervan, 1976. Vol. 2.

BLAUW, Johannes. **The missionary nature of the church**. Cambridge: Lutterworth Press, 1962.

CONN, Harvie. Lucan perspectives and the cities. In: **Missiology** 13, n° 4, Fall 1985.

_____. **Discipling the city**. Grand Rapids: Baker, 1992.

_____; ORTIZ, Manuel. **Urban ministry**. Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 2001.

DAVEY, Andrew. **Urban christianity and global order**. Peabody, MA: Hendrickson, 2002.

ELLUL, Jacques. **The meaning of the city**. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Company, 1993.

GREENWAY, Roger; MONSMA, Timothy. **Cities: mission's new frontier**. Grand Rapids: Baker, 2000.

HARRIS, R. L.; ARCHER, G. L.; WALTKE, B. K. **Theological wordbook of the Old Testament**. In: **Logos library system**. Chicago: Moody Press, 1999. CD-Rom.

JOSEFO, Flavio. **The works of Josephus complete and unabridged**. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1987. In: **Logos library system**, CD-Rom.

KAISER, Walter. **A biblical theology of the city**. In: **Urban missions** 7, n° 01, setembro de 2001.

KELLER, Tim. **A biblical theology of the city**. Disponível em <http://www.e-n.org.uk/p-1869-A-biblical-theology-of-the-city.htm>. Acesso em 4/10/10.

KLINE, Meredith. **Kingdom prologue**. Overland Park, KS: Two Age Press, 2000.

LIM, David. The city in the Bible, Evangelical review of theology, vol. 12, 1988. In: **Logos library system**, CD-Rom.

MURRAY, John. **Principles of conduct**. Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

SCHNABEL, Eckhard. **Early christian mission**. Downer's Grove, IL: Intervarsity Press, 2004. Vol. 2.

SMITH, Morton. Systematic theology: prolegomena, theology, anthropology, christology. Greenville, SC: Greenville Presbyterian Theological Seminary Press, 1994. Vol. 1. In: **Logos library system**, CD-Rom.

THIEDE, Carsten P. The cosmopolitan world of Jesus: new findings from archaeology. London: Society for Promoting Christian Knowledge, 2004. In: **Logos library system**, CD-Rom.

WALDECKER, Gary. The city-eschatological garden, **Urban missions** 5, n° 4, março de 1988.

WIRTH, Louis. **Urbanism as a way of life**. Disponível em <http://www.bolender.com>. Acesso em 15/12/07.